

Artistas deslumbrados com a máquina

MÁRION STRECKER GOMES

Crítica da "Folha"

Afora o vídeo-mercado e os estandes promocionais de diversas indústrias, que preenchem boa parte do espaço do MIS, entre os eventos paralelos ao 2º Festival de Vídeo Brasil armam-se outras máquinas rateadoras às quais se parece querer associar o nome de vídeo-arte.

O avanço tecnológico nada tem a ver com a arte até o momento em que esta resolve fazer uso dele. Ao se apropriar das invenções científicas, deveria o artista atentar para que sua obra não se faça sobre o deslumbramento da técnica. O que, infelizmente, acaba ocorrendo com frequência.

A vídeo-arte, é bom lembrar, foi inaugurada, segundo diversos historiadores, pelo alemão Wolf Vostell e pelo coreano Nam June Paik que, em 1963, distorceu as imagens de uma televisão com o uso de ímãs. Em 1965, já nos Estados Unidos, Paik adquiriu uma câmera e um gravador de VT e passou a produzir trabalhos específicos dentro da nova linguagem. E, depois deles, muitos viriam a se fascinar pelo vídeo.

No Brasil, o evento que marca, em

meados da década de 70, a generalização de uma afoita curiosidade pelo meio foi a participação norte-americana na 13ª Bienal de São Paulo, que ocupou seus 780 metros quadrados com realizações em VT. De lá para cá, a linguagem de algum modo se desenvolveu, tomando parte também de diversas outras Bienais. Mas o que de melhor possa se fazer em vídeo no País passou bem longe da idéia dos organizadores deste festival.

São produções alegóricas que fazem sua mostra paralela. Logo na entrada do MIS está a vídeo-instalação "Nossa Senhora!", de Tadeu Jungle e Walter Silveira. A senhora é Aparecida, coadjuvada por alguns pares de vela — todos transmitidos em um amontoado de oito monitores e três reprodutores VHS (equipamento "doméstico"). No áudio um intermédio de música sacra e profana mais alguns discursos religiosos. E ainda o convite para que o transeunte participe da cena.

A obra parece representar um oratório mas, para seus autores, a instalação é um símbolo crítico do "maior oráculo contemporâneo", a TV. Estaríamos todos descobrindo o Brasil ao espinafrar o poder e a penetração de um veículo de comunicação de massa? Se não, por que

então o sr. Jungle repete sua máxima na escultura "Retirantves", acrescentando televisores sobre a cabeça dos personagens de uma cerâmica popular do Nordeste?

E não é tudo. No primeiro andar do museu uma nova instalação: "Ciclos", de Gilson Alcântara e Rodrigo Martins Ferreira. Numa parede, pintada, a imagem de um quebra-douro. Segue-se no chão da sala uma camada de areia, repleta de bitucas de cigarro e sucata industrial. Para completar o cenário, quatro monitores em preto e branco ligados, porém, no próprio ratear da máquina: a tela coberta de chuveiros. Ouve-se uma montagem sonora das vinhetas de comercial das TVs Globo e Manchete, monótona, mas menos irritante que as originais — ao menos esta não interrompe nada.

O trabalho lembra o insólito encontro, no filme "Planeta dos Macacos", da estátua da Liberdade submersa nas areias da pós-humanidade. Só que aqui não há pergunta, mas apenas resposta: não é o meio a mensagem, mas novamente a "crítica" da malfadada TV comercial que, bem ou mal, acaba produzindo coisas melhores. Ou seja: o ratear, afinal, é de quem se atreve a pensar em vídeo-arte.